

**Entrevista: Craig Brandist (Bakhtin Centre) / Interview: Craig Brandist (Bakhtin Centre)**

Patrícia Margarida Farias Coelho\*  
Marcos Rogério Martins Costa\*\*



Craig Brandist (The University of Sheffield, UK), professor de Teoria Cultural e História Cultural, é bem conhecido de nós, brasileiros<sup>1</sup>. Começou a trabalhar com a teoria da cultura durante a graduação, no final dos anos de 1980. Depois de terminar o doutorado, passou um longo tempo na Rússia, e seu estudo foi uma das primeiras tentativas de

---

\* Universidade Metodista de São Paulo – UMSP/SP - Programa de Mestrado e Doutorado em Educação, São Paulo, São Paulo, Brasil; [patriciafariascoelho@gmail.com](mailto:patriciafariascoelho@gmail.com)

\*\* Universidade de São Paulo – USP/SP, doutorando do PPG em Semiótica e Linguística Geral; Secretaria Municipal de Educação de São Paulo – SME/SP, São Paulo, São Paulo, Brasil; [marcosrmcosta15@gmail.com](mailto:marcosrmcosta15@gmail.com)

<sup>1</sup> **Nota das Editoras:** Craig Brandist esteve no Brasil, como professor-visitante a convite do LAEL-PUCSP, em agosto de 2012, com auxílio FAPESP. Na ocasião, desenvolveu várias atividades junto a grupos de pesquisa e de trabalho, especializados em Bakhtin e o Círculo, a partir da temática *Língua e história intelectual: aproximações entre correntes teóricas*. A estada realizou-se em colaboração com as seguintes universidades: USP, UNB, UFRGS, UFSCAR/São Carlos, UNESP/Araraquara e UNICSUL.

sistematizar as fontes a respeito do que foi o “Círculo de Bakhtin”, cujos encontros iniciais datam do início do século XX. Segundo ele, Mikhail Bakhtin (1895-1975) foi um dos muitos participantes do Círculo, formado por diferentes intelectuais na década de 1920, mas não necessariamente o seu líder, como poderia sugerir a nomeação do grupo.

Vale lembrar que, durante muitos anos, o acesso aos documentos de arquivo do Círculo era restrito. Ressalte-se também que, em 1950, havia a forte intervenção de Josef V. Stalin (1878-1953) nos estudos da linguística, na então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Com a dissolução da URSS, em dezembro de 1991, os arquivos russos foram paulatinamente sendo disponibilizados aos pesquisadores estrangeiros. Brandist foi um dos primeiros estudiosos a participar das pesquisas e das leituras dos arquivos russos quando estes foram postos à disposição do grande público.

Atualmente Craig Brandist trabalha no Departamento de Estudos Russos e Eslavos e é ainda diretor do Bakhtin Centre, uma das principais referências dos estudos do filósofo e pensador russo na Europa. Entre as suas principais obras e inúmeros artigos, destacam-se: *The Bakhtin Circle: Philosophy, Culture and Politics* (2002)<sup>2</sup>; *Politics and theory of language in the URSS 1917-1998* (2010), em coautoria com Katya Chown)<sup>3</sup>; *The dimensions of hegemony* (2015)<sup>4</sup>; e *Bakhtin’s Historical Turn and Its Soviet Antecedents / A virada histórica de Bakhtin e seus antecedentes soviéticos* (2016)<sup>5</sup>. Ultimamente vem desenvolvendo um projeto de pesquisa com o Prof. Dr. Peter Thomas, da Universidade de Brunel (Reino Unido), a respeito da passagem de Gramsci pela Rússia. Como se vê, os estudos de Brandist têm contribuído bastante para a difusão do pensamento do Círculo, bem como para o entendimento da História Intelectual na Rússia e na URSS, sobretudo a partir da Revolução.

A finalidade desta entrevista, realizada em 12 de abril de 2017, por *e-mail*, é contribuir para a divulgação do pensamento bakhtiniano que, no Brasil, desde a década de 1970, tem merecido muitos estudos, projetos de pesquisa individuais e institucionais e obras de especialistas, de diferentes pontos do país. Nomes como Boris Schnaiderman,

---

<sup>2</sup> BRANDIST, C. *The Bakhtin Circle: Philosophy, Culture and Politics*. Londres: Pluto Press, 2002. <sup>3</sup>

<sup>3</sup> BRANDIST, C.; CHOWN, K. (Eds.). *Politics and the Theory of Language in the USSR 1917-1998: the Birth of Sociological Linguistics*. Londres: Anthem Press, 2010.

<sup>4</sup> BRANDIST, C. *The Dimensions of Hegemony: Language, Culture and Politics in Revolutionary Russia*. Londres: Haymarket, 2015.

<sup>5</sup> *Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso 11(1), 2016, pp. 17-38.

<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/24626/18205>

Carlos Alberto Faraco, Beth Brait, Irene Machado, Paulo Bezerra, Sheila Grillo, e muitos outros exerceram e exercem papel fundamental nos estudos, divulgação, ampliação e movimento das ideias do Círculo. Alguns, como Paulo Bezerra e Sheila Grillo, tradutores do russo, por meio de investigação em arquivos, têm contribuído para um conhecimento mais profundo do Círculo, sua especificidade histórica e cultural, seus membros, suas formas de existência e atuação.

É nesse panorama que a pesquisa de Craig Brandist se insere, possibilitando reflexões acerca da interação entre o marxismo, a fenomenologia, a Teoria da Gestalt e as várias formas de teoria linguística e cultural dentro do contexto específico dos primeiros anos na União Soviética. Na entrevista, o olhar crítico do pesquisador britânico contempla os trabalhos do Círculo e suas fontes a partir de suas últimas pesquisas. Por conseguinte, o leitor brasileiro terá acesso às suas mais recentes reflexões sobre a teoria da cultura e a história intelectual do chamado “Círculo de Bakhtin”.

## **Entrevista**

*Seu interesse pela pesquisa abrange principalmente a interação entre o marxismo, a fenomenologia, a teoria da Gestalt e as várias formas de teoria linguística e cultural dentro do contexto específico dos primeiros anos da Rússia Soviética. Como o senhor compreende as interações entre essas diferentes áreas? A abordagem interdisciplinar é um princípio orientador em sua carreira acadêmica?*

Eu não diria que minha pesquisa é interdisciplinar, pois desafio a validade das rígidas fronteiras disciplinares. Para ser interdisciplinar, é necessário aceitar a legitimidade das disciplinas que são trazidas para a interação, porém todas as nossas disciplinas são contingentes e surgiram de configurações institucionais particulares ao invés de terem qualquer dependência direta com os fenômenos a serem estudados. As próprias disciplinas são fenômenos históricos que não podem simplesmente ser aceitos como não problemáticos, especialmente quando estamos lidando com fenômenos sociais. Existem razões políticas, ideológicas e institucionais que tornaram a economia geral, por exemplo, uma esfera quase autônoma, completamente separada do quão bem ou mal a maioria das pessoas realmente vive, enquanto outras ciências sociais muitas vezes evitam fazer considerações econômicas. Os padrões de financiamento reforçam essa compartimentação, e é necessário perguntar para quais interesses esse sistema realmente

trabalha. As disciplinas que predominam agora são fenômenos recentes e, como reconheceu Max Horkheimer, na década de 1930, reproduzem a divisão capitalista do trabalho e não os níveis fundamentais da realidade.

No início da Rússia Soviética, essas divisões foram, por um tempo, desafiadas de forma sistêmica, e isso facilitou uma série de obras importantes, repensando aspectos fundamentais das ciências sociais amplamente consideradas e abrangendo todos os fenômenos do mundo dos homens. O marxismo era obviamente uma força motriz aqui, mas era bastante diferente da abordagem fechada, dogmática e estreita que se disfarçava de marxismo e que constituía a ideologia oficial soviética do final da década de 1920. O próprio marxismo estava aberto, estimulando e estimulado por outras ideias e tendências. O antagonismo ao reducionismo foi fundamental para o marxismo, e eu sempre pensei que a metáfora de base e superestrutura de Marx, que aparece apenas uma vez em seu trabalho, foi a primeira tentativa de articular uma teoria da estrutura emergente, isto é, uma estrutura dependente de estruturas de nível inferior ou fundamentais, e depois integrada a um nível molecular, embora não redutível a essas estruturas. A teoria da Gestalt era, de forma semelhante, uma orientação filosófica antirreducionista que funcionava no nível da percepção e da cognição, diferenciando as partes e o todo como fenômenos qualitativamente distintos, enquanto ontologicamente consistentes. Esse foi um desenvolvimento particular da fenomenologia que evitou algumas das tentações mais idealistas às quais alguns fenomenologistas estavam propensos. Nos estudos da linguagem, a teoria também teve grande importância para a compreensão de que os atos de fala são totalidades complexas, configurações relacionais, e que o sentido de uma palavra em uso depende, em um primeiro plano, do significado linguístico potencial, deixando outras acepções no nível mais geral. Essas características foram especialmente desenvolvidas por Karl Bühler, que foi amplamente lido no início da URSS e influenciou Vygotski e membros do Círculo de Bakhtin.

Então, para mim, a tentativa de ultrapassar a compartimentação disciplinar constituiu uma dimensão importante das mudanças revolucionárias na Rússia. Essas mudanças não sobreviveram ao bloqueio e ao cerco; e, no final da década de 1920, estavam em declínio acentuado. As consequências intelectuais foram complexas e multiformes, e precisam ser seriamente estudadas como recursos para o desenvolvimento de perspectivas críticas na contemporaneidade. Do mesmo modo, diante das incipientes

alternativas à melancolia neoliberal de hoje, a realidade capitalista pode ser vislumbrada nos movimentos revolucionários do início do século 20 e, mesmo diante de todas as suas falhas, eles permanecem cruciais na compreensão de como a sociedade pode ser movida para uma trajetória alternativa.

*Nos últimos anos, tem havido uma grande discussão sobre a influência da corrente marxista nos estudos do Círculo e de Bakhtin. O senhor poderia explicar por que existem afirmações de que Bakhtin era um marxista e como essa ideia se sustentava?*

Eu penso que está bem claro que Bakhtin não era um marxista. Voloshinov e Medvedev provavelmente foram marxistas na segunda metade da década de 1920, e existiram várias modalidades de engajamento com o marxismo entre outros membros do Círculo naquele tempo. Perguntar se alguém era marxista na Rússia daquela época não era como perguntar às pessoas se elas eram cristãs ou muçulmanas. Não era um tipo de artigo de fé ou emblema de identidade (embora, em certa medida, tenha se transformado nisso no período de Stalin), mas uma questão de orientação sociopolítica geral, princípios de análise e visão de mundo. Esse foi um fenômeno complexo, com muitos aspectos diferentes, e está claro que muitos, se não a maioria dos intelectuais que trabalhava na época, adotaram características importantes da visão marxista de mundo. Alguns conceitos marxistas foram claramente empregados para abordar questões científicas, porém muitas vezes resultaram em formas de análise ecléticas, híbridas, ou um desconhecimento de ideias similares às marxistas. O marxismo tornou-se um elemento importante em um ambiente dialógico complexo e vibrante no qual os membros do Círculo de Bakhtin estavam imersos e para o qual contribuíram. As coisas parecem bem diferentes por essa perspectiva, e fica claro que as ideias do Círculo, incluindo as de Bakhtin, teriam sido impensáveis sem as especificidades históricas e conceituais do marxismo. Significaria sujeitar Bakhtin a suas próprias ideias.

O argumento dos membros do Círculo sobre o “marxismo” geralmente não era colocado dessa forma, mas como uma tentativa improdutiva de provar ou refutar as credenciais marxistas de uma maneira ou de outra. Nesses textos sofisticados, no entanto, podem ser encontrados elementos que derivam claramente do marxismo e outros elementos que vêm de outro lado – algumas vezes compatíveis, outras, não; ocasionalmente, há uma síntese bem-sucedida, mas muitas vezes há uma combinação

estranhamente sincrética. Um envolvimento crítico com as ideias bakhtinianas pede que questionemos esses problemas ao invés de tentar negociá-los. Meu parecer é o de que o domínio do idealismo filosófico na obra de Bakhtin é tal que ele realmente não pode ser considerado um marxista em sentido substancial. Todavia, isso não significa que não utilize algo dos pensadores marxistas – e ele claramente faz isso. E, por idealismo, como já argumentei, não me refiro a qualquer afirmação metafísica de que a realidade empírica não exista, mas à assertiva de que tal realidade é, em princípio, incompreensível. Bakhtin nunca ultrapassa o princípio fundamental do neokantismo, mesmo que seu trabalho não possa simplesmente ser considerado neokantiano.

*No momento, existem diversos pesquisadores da filosofia bakhtiniana em diferentes partes do mundo, por exemplo, Craig Brandist (Inglaterra), Jayne White (Nova Zelândia), Mikhail Gradovski (Noruega), Beth Brait (Brasil), entre outros. Anos após a morte de Mikhail Bakhtin, o senhor acredita que as linhas de pesquisa desenvolvidas nessas partes do mundo estejam em diálogo e interajam umas com as outras?*

Em certa medida. Eu estabeleci um diálogo com todos eles, e juntos participamos de colóquios e conferências. São todas pessoas que eu respeito e com quem aprendi bastante, e espero que a experiência tenha sido mútua. No entanto, estamos lidando com algumas áreas de atuação muito diferentes, principalmente porque aqueles que se ocupam com a prática de ensino nas escolas, baseados em ideias bakhtinianas para refletir e orientar essa prática, têm um foco bastante diferente do meu, pois trabalho na vertente da história intelectual. É conveniente que nossas inquietações se cruzem, mas que não coincidam completamente, pois é dessa forma que podemos aprender uns com os outros. Podem se tornar fontes de muitos bons desentendimentos também, mas que não sejam menos instrutivas do que os pontos com os quais concordamos. O que talvez me deixe um pouco cético é sobre até que ponto realmente podemos falar sobre “filosofia bakhtiniana” como um campo em que todos nos encontramos. Todos nós temos interesse em Bakhtin, sem dúvida, e todos achamos elementos de valor duradouro em suas ideias, porém seguramente não posso me considerar partidário ou defensor da “filosofia bakhtiniana”. As ideias bakhtinianas são um recurso com o qual eu me relaciono criticamente, pois passei uma quantidade considerável de tempo estudando de uma forma ou de outra, todavia, minha formação e minha orientação intelectual são muito mais amplas; e é assim

que deveria ser. Afinal, o próprio Bakhtin não considerou a falta de coincidência e “*exotopia*” como uma fonte crucial de engajamento produtivo com “o outro”?

*O senhor considera que a linguagem e a cultura estão sujeitas a relações de poder e hierarquia de uma sociedade? Em caso afirmativo, como a língua e a cultura foram entendidas pelos pensadores soviéticos no início do século XX?*

Essa é uma grande questão. Penso que aqui posso apenas dizer que foi muito diversificada, mas que a importância da relação entre as estruturas sociais e a prática comunicativa foi especialmente importante. O estudo da linguagem foi afetado e favorecido por preocupações políticas, com formas de capacitar as massas a encontrar suas vozes públicas em condições de analfabetismo generalizado, níveis desiguais de desenvolvimento social e econômico, herança da dominação imperial dos povos sujeitados, coexistência de uma grande variedade de culturas e línguas interagindo, muitas das quais não apresentando formas padronizadas ou presença institucional e as lutas internacionais nas quais a incipiente URSS estava envolvida. É impossível entender verdadeiramente o trabalho dos primeiros linguistas e intelectuais soviéticos em geral sem levar em consideração essa configuração de preocupações e esse apoio institucional. Então, é preciso considerar ainda as fontes intelectuais, como o surgimento da linguística saussureana, da psicologia cognitiva, da filosofia, da teoria social e afins, e como elas se tornaram recursos para abordar as preocupações sociais daquele momento.

*Após a abertura dos arquivos da União Soviética e os recentes estudos historiográficos sobre a vida e o trabalho de Mikhail Bakhtin, como o senhor vê Bakhtin: um filósofo, um pensador, um linguista?*

Um pensador. Não tenho certeza de quão produtivo seria circunscrevê-lo a muito mais do que isso, uma vez que é possível encontrar partes do trabalho de Bakhtin que talvez não se encaixem nesse rótulo.

*Em vários textos, o senhor defende que o Círculo tem vários teóricos, e o papel de Bakhtin não era central dentro do grupo. A partir de quais leituras, dados e circunstâncias históricas, o senhor fundamenta essa tese?*

Meu argumento é o de que um “Círculo de Bakhtin”, como tal, nunca tenha realmente existido. Havia um grupo relativamente fluido de pensadores que se reunia e discutia problemas filosóficos e filológicos na década de 1920 e Bakhtin participava com eles. Os membros do grupo atuavam em vários círculos intelectuais de diferentes tipos, alguns nas instituições nas quais trabalhavam para se sustentarem, e não podemos ter certeza de que aquilo que compartilhavam com Bakhtin era necessariamente o que eles consideravam o mais importante. Em Leningrado, Bakhtin não conseguiu manter um emprego regular, em grande parte devido à sua frágil saúde na época, e assim, para ele, o “Círculo” era talvez o ponto principal para o seu envolvimento com o mundo acadêmico (embora, claro, ele também tenha participado do Grupo Voskresen’ e). Somente em estudos mais antigos, Bakhtin aparece como figura central. Simplesmente não há evidências para apoiar a tese de que havia um “Círculo de Bakhtin” no qual Bakhtin era um tipo de líder em vez de simplesmente ser um dos vários participantes proeminentes. O que chamamos hoje, por falta de um termo melhor, de o “Círculo de Bakhtin”, torna-se interessante como um ponto em que vários “círculos” se cruzavam, reunindo pessoas que trabalhavam em várias áreas e facilitando diálogos produtivos entre eles. Bakhtin, sem dúvida, desempenhou um papel importante e respeitado como filósofo. Suas ideias foram simultaneamente formadas nas trocas dentro do grupo e sua contribuição foi um componente crucial para isso. O Círculo era um *Gestalt* irreduzível para qualquer um de seus participantes, e seus membros foram afetados, já que faziam parte dessa configuração relacional.

Isso difere muito da imagem de um grupo de discípulos reunidos em torno de algum tipo de “guru”, como se pode encontrar em alguns estudos posteriores. A vida intelectual dos primeiros anos da União Soviética funcionou de forma diferente, e os participantes foram figuras importantes em seus respectivos campos, e não discípulos. Eu sempre achei muito fácil entender como o falecido Iurii Medvedev viu o que eu chamo de “modelo de guru” do Círculo como sendo aquele que denegria a contribuição de seu pai, Pavel. O estranho é como essa imagem persistiu em alguns lugares, apesar da ampla evidência de arquivos apresentados que mostraram o trabalho significativo e independente dos membros do Círculo, da ausência total de provas em contrário e do fato de a perspectiva monológica do “modelo do guru” estar seriamente em desacordo com a

própria filosofia de Bakhtin. Há, nesse caso, um conjunto de suposições ideológicas questionáveis no trabalho.

*Como a sua carreira científica, trabalhando nos arquivos soviéticos, ajudou a reconstruir a história e a teoria do Círculo de Bakhtin? Durante esse processo, quais problemas surgiram?*

Na verdade, meu trabalho com esses arquivos não foi realizado com o propósito expresso de reconstruir “a história e a teoria do Círculo Bakhtin”. Eu estava acompanhando o trabalho das instituições que abordavam a linguagem e a cultura na URSS na década de 1920, e membros do Círculo se destacaram nessas instituições. Chegar ao trabalho a partir dessa perspectiva mais dilatada me permitiu ver conexões mais amplas, ao invés de permanecer fixado a um conjunto mais estreito de relações, mas isso apareceu de forma diferente como resultado. Portanto, qualquer pessoa que trabalhe nos arquivos para “reconstruir a história e a teoria do Círculo de Bakhtin” enfrentará obstáculos, como o fato de o arquivo pessoal de Bakhtin permanecer sem catalogação e só recentemente ter sido disponibilizado em uma instituição pública. A única coisa que podemos ter certeza é que esse arquivo não representa uma prova documental da alegada autoria de Bakhtin sobre as obras publicadas nos nomes de Voloshinov e Medvedev, uma vez que os ex-guardiões do acervo tiveram um interesse direto na publicação de tais documentos. Os materiais de Voloshinov e Medvedev encontrados em arquivos institucionais tornam isso ainda mais improvável. Os registros pessoais de Voloshinov e Medvedev parecem ter sido perdidos, no último caso como resultado da prisão deste em 1938; e materiais importantes de outras figuras significativas, como Mikhail Tubianskii, também desapareceram em circunstâncias históricas particulares. Os conteúdos disponíveis são, portanto, fragmentados e dispersos, embora alguns tenham sido bastante importantes, não contendo, por exemplo, o arquivo material relacionado ao trabalho de Voloshinov em Leningrado.

*Atualmente, os textos do Círculo de Bakhtin estão sendo adotados em diversas metodologias de ensino e aprendizagem. No Brasil, esse é um fenômeno crescente desde 1980. Quais são os motivos da filosofia de Bakhtin ser tão difundida e aplicada no campo da educação?*

Talvez porque havia uma implícita, às vezes explícita, agenda educacional de trabalho em muitos textos do Círculo de Bakhtin. Há um relacionamento claro entre o relato da história literária de Bakhtin e a filosofia alemã de *Bildung* (correspondente à *obrazovanie* e *vospitanie* russas), que pode ser entendido como um processo de educação e formação da humanidade. O que talvez tenha provado ser mais diretamente aplicável às formas concretas de pesquisa educacional seja a noção de “gêneros do discurso”, que facilitou a análise da interação em sala de aula. O que torna as ideias atraentes é, indubitavelmente, a orientação geral para democratizar a cultura trabalhada nesses textos. No entanto, também devemos estar atentos ao paternalismo implícito em alguns trabalhos de Bakhtin, em que, por exemplo, o filósofo confere forma e avaliação intelectual às vozes do “povo”, mas com um senso muito mais fraco de aprendizagem intelectual das massas. Assim, as vozes da praça carnavalesca tornam-se historicamente eficazes quando aceitas e processadas pelo romancista, mas essas mesmas massas continuam alternando entre as esferas paralelas dos mundos oficial e festivo, sem progressão. No único ensaio direto de Bakhtin sobre ensino em sala de aula, os estudantes são levados à conclusão a qual o pedagogo determinou antecipadamente. O educador, como Marx nos lembrou há muito tempo, também precisa ser ensinado.

*A leitura de filósofos e teóricos do Círculo é bastante árdua, porque requer outras leituras com as quais o teórico dialogou. Durante a divulgação dos resultados da sua pesquisa, quais foram as dificuldades na compreensão dos conceitos e princípios da filosofia de Bakhtin?*

Compreender as ideias daqueles em quem Bakhtin se baseou não foi fácil, e encontrar meu caminho a partir da terminologia de identificar essas correntes filosóficas foi um desafio. A falta de anotações das referências por parte de Bakhtin também não ajudou. Isso pôde ser superado, pois os principais problemas estavam em outras partes. Quando comecei esse trabalho, muitos dos comentários que surgiram resultaram mais em obstáculos do que benefícios, pois muitas pessoas estavam tentando recrutar Bakhtin para seus próprios propósitos ideológicos ao invés de buscar de onde surgiram as ideias e como elas foram desenvolvidas. O status de *culto* que Bakhtin alcançou entre algumas pessoas também foi completamente inútil, pois a defesa de Bakhtin contra todas as críticas investiu-se de lealdades pessoais que obscureciam os problemas reais em questão. O problema da alegada autoria de Bakhtin sobre os textos publicados em nome de

Voloshinov e Medvedev foi um exemplo: a falta de provas documentais para apoiar essas afirmações tornou-se irrelevante, pois lidamos aqui com assuntos de fé. Essa foi uma situação incomum, de fato, que certamente não tem lugar na vida crítica e intelectual. O mesmo vale para o arranjo muito estranho que persistiu com o arquivo pessoal de Bakhtin e as restrições arbitrárias que foram colocadas para se ter o acesso aos documentos.

*Havia semelhanças e diferenças entre as teorias linguísticas de Ferdinand de Saussure e Mikhail Bakhtin?*

Essa é outra grande questão que precisa de um artigo completo. Talvez o melhor aqui seja simplesmente dizer que Saussure estava tentando esboçar o domínio da linguística como uma disciplina, e Bakhtin tentava fazer uma descrição de como o romance molda e reprocessa a linguagem na década de 1930, e uma teoria dos atos do enunciado na década de 1950. Voloshinov se opôs ao *Curso*<sup>6</sup>, de Saussure, no *Marxismo e a filosofia da linguagem*<sup>7</sup>, em grande medida por considerar que Saussure argumentava que a linguagem é um sistema sincrônico, enquanto, na realidade, sua afirmação almejava conduzir certos tipos de análise. Especialmente se referindo à fonética sistemática, a linguagem deve ser vista *como* um sistema sincrônico. Há um paralelo com os formalistas russos aqui. Eles argumentaram que estudos literários não estudam literatura, mas a “literariedade” (*literaturnost*), ou seja, a qualidade que faz a obra literária diferente de qualquer outro trabalho. Pela linguística de Saussure, não se estuda a linguagem, mas a língua; a linguagem é, assim, observada como um sistema sincrônico. Num determinado momento, ele observa explicitamente que – a partir do filão neokantiano – o ponto de vista determina o objeto do conhecimento. Nenhuma abordagem única pode estudar a linguagem em toda a sua variedade. Assim, a abordagem de Bakhtin para a linguagem era, na verdade, uma maneira de estudar atos de fala ou eventos de fala, como no ensaio sobre gêneros do discurso ou, como nos ensaios sobre o romance, a linguagem empregada pelo romancista, que ele ou ela (o romancista) aborda como um sistema de modos de discurso socialmente diferenciados.

---

<sup>6</sup> SAUSSURE, F. de. *Course in General Linguistics*. Traduzido por Wade Baskin. Nova Iorque, Toronto, Londres: McGraw-Hill Book Company, 1986.

<sup>7</sup> VOLOSHINOV, V. N. *Marxism and the Philosophy of Language*. Traduzido por Ladislav Mastejkae I. R. Titunik. Nova Iorque e Londres: Seminar Press, 1973.

Bakhtin argumenta que sua abordagem é uma característica das ciências humanas (uma “metodologia dialógica”), enquanto a linguística saussureana possui uma abordagem característica das ciências naturais (uma “metodologia monológica”). O problema para Bakhtin surge quando essas duas abordagens são aplicadas de forma inadequada, ou seja, ao utilizar um método científico natural para estudar literatura, por exemplo.

Pessoalmente, sou cético sobre o senso comum de tentar diferenciar as metodologias das ciências humanas e naturais de forma rigorosa, ou da mesma maneira que Bakhtin deseja. Além do mais, isso priva estudos literários de uma série de considerações importantes, que não são menos relevantes do que a economia da publicação, da distribuição e dos índices de leitura, e isso caricatura as ciências naturais, as quais procedem de acordo com paradigmas concorrentes e não com verificação mecânica. Essa é uma outra questão, no entanto.

*Em face de suas experiências pessoais nas universidades de vários países, qual é o futuro dos estudos do Círculo de Bakhtin? Quais são as linhas de pesquisa que ganharão força nos próximos anos? E quais serão seus próximos projetos de pesquisa?*

Hoje em dia, só trabalho com Bakhtin quando seus estudos se inserem no quadro de temas de que estou tratando. Não estou planejando pesquisas mais aprofundadas sobre Bakhtin, a menos que veja uma necessidade urgente de fazê-lo quando surgirem, por exemplo, novas informações ou trabalhos. Enquanto pesquisava a história das primeiras ideias soviéticas sobre a linguagem, ou o desenvolvimento dos primeiros estudos orientais soviéticos, os membros do Círculo de Bakhtin entraram em cena, e associei esse trabalho atual ao meu estudo anterior sobre Bakhtin. Assim, escrevi recentemente sobre Mikhail Tubianskii, o indigenista do Círculo de Bakhtin, e, para o meu artigo a ser apresentado na próxima Conferência Internacional de Bakhtin, estou planejando falar sobre como, adequadamente revisadas e complementadas, certas ideias bakhtinianas podem contribuir para a compreensão da pós-experiência colonial, evitando alguns dos problemas que afligem os estudos pós-coloniais contemporâneos. Às vezes, um foco restrito obscurece mais do que ilumina; e, de qualquer forma, Bakhtin é mais bem visto como contribuinte em um diálogo mais amplo e significativo.

*Gostaríamos de agradecer por essa entrevista.*

Foi um prazer!

Traduzido por Tom Rickard – [tom-rickard@hotmail.co.uk](mailto:tom-rickard@hotmail.co.uk) e  
Marcos Rogério Martins Costa – [marcosrmcosta15@gmail.com](mailto:marcosrmcosta15@gmail.com)

Revisão de Catarina Ruggeri – [cat\\_ruggeri@hotmail.com](mailto:cat_ruggeri@hotmail.com)

Notas e intervenções das editoras de *Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso.

*Recebido em 17/04/2017*

*Aprovado em 10/04/2018*